

## FRANCISCO E A POBREZA DO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

È surpreendente quando se fala do relacionamento entre Deus e o homem, colocar o problema da pobreza<sup>1</sup>. Não é por acaso que tratamos o tema neste contexto, para indicar o significado bem profundo da pobreza franciscana, que caracteriza não tanto o nosso relacionamento com as coisas ou com os bens, mas, a nossa maneira de referirmos a Deus mesmo, que se fez homem na total dimensão da pobreza humana<sup>2</sup>.

### I. COMO FRANCISCO DESCOBRIU A POBREZA?

Quem pensa em Francisco, pensa logo e espontaneamente no seu amor para com a pobreza.

#### 1. A procura e o desejo da pobreza na sociedade medieval do século XIII

Sem duvida Francisco não foi o único a se entusiasmar pela pobreza, no seu tempo. Existia um vasto movimento antes dele a favor da pobreza que representava grupos variados em toda a Europa. Esses tinham caráter herético. Basta lembrarmos *os cátaros, os humilhados, os pobres católicos, os pobres reconciliados etc.* Esses movimentos nasceram principalmente como reação à riqueza escandalosa da hierarquia eclesial e, na maioria das vezes, terminaram sendo considerados heréticos.

Mas, este movimento *pauperístico* não é o motivo pelo qual Francisco escolhe a pobreza, aliás, a origem da sua pobreza é muito diferente, como diferentes são as modalidades com as quais Francisco vive a pobreza. Podemos ver um processo de

---

<sup>1</sup> “A pobreza não é um conceito abstrato, cujo sentido permaneceria imutável em todos os tempos e lugares. Assim como a riqueza, a pobreza depende das condições sociais e é, portanto, um valor relativo que só pode ser determinado em função das condições de vida economico-social nos diferentes tempos e nos diversos povos. Onde as condições de vida atingiram um nível bem alto, a pobreza pode ser considerada, comparando-se com um lugar onde o nível é bem inferior, como uma riqueza. A estrita pobreza, caracterizada pela carência de todos os meios de subsistência, leva à morte... Fazem parte também do fenômeno da pobreza as diferentes modalidades de insuficiência diante das exigências da vida: falta de formação, carências, falta da liberdade, isolamento, impossibilidade de defesa etc. Através da realidade da pobreza fica claro que a ordem do mundo foi perturbada pelo pecado e que o mundo espera ainda sua plena realização”. Essa não é um valor, aliás uma falta de justiça e caridade contra a qual se deve lutar. Sobretudo o Cristão tem o dever de ajudar os necessitados, estabelecer os relacionamentos de justiça, igualdade entre os homens. (*Dicionário franciscano*, 586).

<sup>2</sup> A pobreza religiosa voluntária não é exclusividade do cristianismo. Ela é característica da atitude religiosa de todas as religiões. No cristianismo encontramos 4 formas principais de pobreza voluntária por motivos religiosos: 1) o indivíduo professa a pobreza independente de qualquer laço com uma comunidade (anacoretas). Trata-se de um estilo de vida carismático, oriundo da iniciativa espontânea do indivíduo e não sancionado por uma tradição institucionalizada. 2) O indivíduo renuncia, em determinado grau, aos bens materiais, enquanto a comunidade à qual pertence possui bens. Esta modalidade se espelha no exemplo da primeira comunidade de Jerusalém (At 2, 44-45). 3) Tanto o indivíduo como a comunidade renunciam ao direito de propriedade de todos os bens materiais. O ideal que seguem é proposto pela vida e pelo ensinamento de Jesus, especialmente no discurso pronunciado por ocasião da missão dos Apóstolos (Mt 8,18-22;10,8-10;17,26;19,21-30). 4) O homem se desapega interiormente, em virtude da pobreza de espírito, do mundo, do egoísmo e de todas as suas manifestações. A Sagrada Escritura em todo seu pano de fundo e de modo especial no Sermão da montanha (Mt 5,7) exige esta atitude, que terá também reflexões em modalidades de pobreza exterior. *Dicionário Franciscano*, 586.

amadurecimento que se verifica em Francisco a respeito da escolha da pobreza, mas de forma especial da pobreza evangélica.

## **2. Francisco, sensível para com os pobres**

Ainda jovem Francisco se revela particularmente sensível para com os pobres. O Celano nos diz:

*Ajudava também os outros pobres, mesmo quando ainda era secular e seguia o espírito do mundo, estendendo sua mão misericordiosa para os que não tinham nada e mostrando compassivo afeto para com os aflitos. Houve um dia em que, contra o seu costume, porque era muito bem educado, tratou mal um pobre que lhe pedia esmola. Mas, logo, arrependido, começou a dizer consigo mesmo que era grande ofensa e vergonha negar a quem estava pedindo no nome de tão grande Rei, o que quisesse. Prometeu a si mesmo que jamais negaria a quem lhe pedisse em nome de Deus o que estivesse ao seu alcance<sup>3</sup>.*

Essa sensibilidade era muito natural. Provinha diretamente do coração de Francisco. Era sua forma de comportamento.

## **3. O respeito para com os pobres**

Ao decorrer do tempo Francisco chegou a entender que não bastava uma simples esmola feita ao pobre que podia ser também humilhante. Percebe que necessitava mostrar-lhe antes de tudo o respeito, o amor e a dignidade. Esta sua descoberta se exprime no encontro com o leproso, ao qual além de dar a esmola, oferece também o beijo<sup>4</sup>. São Boaventura nos diz:

*Pois visitava frequentemente suas casas, dando-lhes esmolas liberalmente e, com muito afeto de compaixão beijava suas mãos e bocas. Queria dar aos pobres mendigos não só as suas coisas, mas ele mesmo, algumas vezes despindo suas roupas, outras vezes cortando-as para dar-lhes, quando não tinha outra coisa nas mãos<sup>5</sup>.*

## **4. Tornar-se pobre**

Outro passo que Francisco faz na sua descoberta da pobreza, é de entender que para ajudar o pobre precisa tornar-se um deles. Pela primeira vez experimenta o que significa ser pobre quando, indo a Roma em peregrinação, trocou sua roupa fina com trapos de um pobre e sentou-se alegremente entre os pobres no átrio da Igreja de São Pedro para pedir a esmola<sup>6</sup>. Assim Francisco chegou ao conhecimento, não somente da pobreza, mas, do homem pobre e procurou se identificar com ele.

---

<sup>3</sup> 1C 17.

<sup>4</sup> 1B I,5.

<sup>5</sup> 1B I,6.

<sup>6</sup> 2C 8; 1B I,6.

## 5. A pobreza de Jesus Cristo

O passo decisivo não era ainda isso. A descoberta definitiva da pobreza acontecerá através da escuta da Palavra. Francisco, um dia escutou na Igreja da Porciúncula as palavras de Jesus aos seus discípulos enviando-lhes a pregar; que eles não levassem consigo nem dinheiro, nem sacolas, nem pão, nem bastão, nem sandálias, nem duas túnicas<sup>7</sup>. O Cristo que aparece no Evangelho é um Cristo que assumiu a condição de um servo e tornou-se semelhante aos homens<sup>8</sup>. Essa é uma etapa muito importante no caminho de Francisco. A partir daí, se abriram os seus olhos para ver o Cristo pobre. E daí em diante ele ficou fascinado pelo Evangelho. Meditava sempre a vida de Cristo. Desde então não existia mais para Francisco outra pobreza senão aquela do Senhor Nosso, Jesus Cristo. Não foi a pobreza em si que Francisco abraçou, mas, a escolhem como um componente indispensável para a imitação de Cristo. Por isso podemos afirmar que a pobreza para Francisco não é o “fim”, mas o “meio”.

## 6. Pobreza: consequência da união com Cristo pobre

Como apenas citamos acima, a pobreza tornou-se então não um fim, um exercício ascético, como era visto na vida religiosa de então. Não era uma pobreza abraçada em oposição à riqueza da hierarquia eclesial, nem tão pouco uma vida de pobreza como de Domingos, como um meio de testemunho necessário para enfrentar os heréticos reformadores. Não se tratava de uma pobreza abraçada por motivos sociais, para socorrer os pobres. A pobreza abraçada por Francisco é consequência da união com Cristo pobre; o fim último de Francisco era configurar-se a Cristo; sendo assim, ele escolheu a pobreza como o meio, para poder imitar mais de perto a vida de Nosso Senhor. Francisco o confirma na RB:

*Como peregrinos e viandantes (cf. 1Pd 2,11) que neste mundo servem ao Senhor em pobreza e humildade, peçam esmolas com confiança; disso não se devem envergonhar, porque o Senhor se fez pobre por nós, neste mundo (cf. 2Cor 8,9)*<sup>9</sup>.

Na RNB diz ainda mais claramente a qual pobreza abraçou ele e seus frades:

*Todos os Irmãos se esforcem por imitar a humildade e pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo. E se recordem que do mundo inteiro nada mais precisamos do que, como diz o Apóstolo, "o necessário para nos alimentar e para nos cobrir, e queremos estar contentes com isso" (1Tm 6,8)*<sup>10</sup>.

O espírito *cavalheiresco* levou Francisco a idealizar a pobreza e chamá-la de *Senhora Pobreza*. Não se trata aqui de um conceito abstrato, mas da vida concreta,

---

<sup>7</sup> Mt 6,7-12; Lc 9,1-6;10,1-16.

<sup>8</sup> Fl 2,5-8.

<sup>9</sup> RB 6,2-6

<sup>10</sup> RNB 9,1-2

aquela de Cristo e de cada necessitado. Se Francisco amava com um amor apaixonado a *Senhora Pobreza* é porque via nela a Esposa do Altíssimo Filho de Deus<sup>11</sup>.

## II. O CONTEÚDO DA POBREZA FRANCISCANA

Perguntamos então de que modo Francisco via e viveu a pobreza do Senhor. Em primeiro lugar ele a via como uma pobreza exterior. Como Cristo viveu pobre nesta terra. Ele lembrava frequentemente as palavras do mestre: *As raposas têm sua toca, as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar*<sup>12</sup>. Cristo, sua Mãe e os seus discípulos viveram pobres.

*Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e tão gloriosa, o altíssimo Pai a enviou do céu, por seu arcanjo São Gabriel, ao seio da Santa Virgem Maria, de cujo seio recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade. E, "sendo rico" (2Cor 8,9) acima de toda medida, preferiu todavia escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a vida de pobreza*<sup>13</sup>.

Essa pobreza material de Cristo e da sua mãe Francisco a viveu num modo muito concreto, e a via, não somente através do prisma da pobreza material, mas, sobretudo, aquela interior. O absoluto esvaziamento, a nudez e o aniquilamento de Cristo, Francisco contemplava no mistério da Encarnação, Paixão e da Eucaristia. “E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”<sup>14</sup>.

Essa é a pobreza que Francisco quis viver, uma pobreza vivida por Cristo, uma pobreza nas suas expressões materiais – exteriores, mas, ainda mais, uma pobreza interior, um aniquilamento de si<sup>15</sup>.

### 1. Expressões da pobreza exterior

#### 1.1 Renúncia total dos bens

Na vocação de Francisco aparece como condição indispensável à pobreza material, exterior, que se realiza através da renúncia total. Cada um que quer tornar-se um frade menor deve renunciar a todos os bens que possui. Assim fez Francisco vendendo os bens que possuía e renunciando ao seu patrimônio diante do bispo<sup>16</sup>. O exemplo clássico da renúncia foi aquele do seu primeiro companheiro – Bernardo de Quintavalle, o qual, sendo muito rico, vendeu todos seus bens e distribuiu aos pobres:

---

<sup>11</sup> 2C 16-17.

<sup>12</sup> Mt 8,20; 2C 56.

<sup>13</sup> 2CF 4-5.

<sup>14</sup> Fil 2,6.

<sup>15</sup> Não é por acaso que Francisco começou a nova vida ficando nu diante do bispo e a partir daí com sua nudez, aniquilamento e esvaziamento restaurou a Igreja!

<sup>16</sup> 1C 15.

*Partiu, pois o Senhor Bernardo, que era muito rico, vendeu tudo o que possuía, e ajuntando muito dinheiro, distribuiu-o todo aos pobres da cidade. Pedro também, conforme suas posses, cumpriu o conselho divino*<sup>17</sup>.

A mesma renúncia dos bens fizeram todos os outros que vieram para partilhar com ele o seu modo de viver. A mesma coisa fez Clara, também<sup>18</sup>.

## **1.2 A pobreza material:**

Lendo os Escritos de São Francisco podemos ver quantas vezes ele recorda a pobreza material. Dizia que os frades deveriam usar roupas pobres, alegrar-se com um só hábito e que pudessem remendá-lo com panos rudes e outros retalhos de fazenda<sup>19</sup>. Não deveriam levar calçados se não nos casos de grave necessidade. Não deveriam usar na viagem nem bolsa, nem pão, nem dinheiro, nem bastão. Somente no caso de doença deveriam usar o cavalo. A pobreza deveria ser observada também nas comidas, como vemos no episódio descrito por Celano<sup>20</sup>.

## **1.3 Pobreza e trabalho<sup>21</sup>: a mesa do Senhor**

No tempo de Francisco existia uma visão muito diferente do trabalho comparando com o que temos hoje. Existia a distinção entre: *artes liberais*<sup>22</sup> – consideradas de grande honra e favoráveis para chagar a perfeição espiritual e *artes servíeis*<sup>23</sup>, considerados inferiores, fundamentalmente, de obstáculo à vida do espírito<sup>24</sup>.

Na tradição monástica o valor atribuído ao trabalho manual era exclusivamente ascético: evitar a ociosidade e vencer as tentações.

No pensamento de Francisco podemos ver a influencia de tal concepção do trabalho. A RNB nos atesta:

---

<sup>17</sup> LTC 29; 1C 24.

<sup>18</sup> PCCL 3, 31

<sup>19</sup> RNB 2; RB 2.

<sup>20</sup> 2 C 61.

<sup>21</sup> O Vaticano II nos oferece uma nova visão da teologia do trabalho. Cada atividade humana desenvolve em dois níveis: pessoal e social. Através do trabalho, o homem associa-se à ação criadora de Deus; colabora no mesmo tempo à nova criação, unindo-se a Cristo que santificou as condições reais da vida, fazendo do trabalho um instrumento de salvação e dando-lhe um valor penitencial. O trabalho é um meio natural de sustento, de desenvolvimento individual e o meio para fazer-nos unir aos nossos irmãos e colocarmos ao serviço (Ref. GS, 67).

<sup>22</sup> Professores do trívio (gramática, dialética e retórica) e de quadrívio (aritmética, geometria, musica e astronomia), constituíam o núcleo indispensável dos estudos. Somente chegando ao grau de mestre da arte era possível ter acesso a uma das três faculdades universitárias superiores de teologia, direito e medicina. A definição é de origem romana. Segundo Sêneca já nos últimos decênios da republica e durante o império a gramática, a geometria e a musica eram consideradas matérias preparatórias ao estudo da retórica e da filosofia. Santo Agostinho apoiava dizendo que o interessado ia proceder na via do conhecimento da alma e de Deus. O sucessivo prevalecer da dialética entre as matérias do trívio como verdadeira e própria introdução ao saber filosófico e teológico, afirmou a função propedêutica das artes liberais e que permaneceu pelos séculos o fundamento dos programas escolásticos e das culturas ocidentais.

<sup>23</sup> Artes mecânicas ou servíeis, são aqueles trabalhos onde exercitam mais a mão que a inteligência.

<sup>24</sup> São Tomas justifica o trabalho manual em base a 4 motivos: a necessidade de procurar os meios para sobreviver, evitar a ociosidade, afastar a concupiscência e fazer a esmola(S.T II-II q.187).

*Nenhum irmão, onde quer que esteja para servir ou trabalhar para outrem, jamais seja capataz, nem administrador, nem exerça cargo de direção na casa em que serve, nem aceite emprego que possa causar escândalo ou "perder sua alma" (Mc 8,36). Em vez disto sejam os menores e submissos a todos que moram na mesma casa. E os irmãos que forem capazes de trabalhar, trabalhem; e exerçam a profissão que aprenderam, enquanto não prejudicar o bem de sua alma e eles puderem exercê-la honestamente. Porquanto diz o Profeta: "Viverás do trabalho de tuas mãos: serás feliz e terás bem-estar" (Sl 127,2); e o Apóstolo: "Quem não quer trabalhar não coma" (2Ts 3,10). "Cada qual permaneça naquele ofício e cargo para o qual foi chamado" (1Cor 7,24). E como retribuição pelo trabalho podem aceitar todas as coisas de que precisam, exceto dinheiro. E, se for necessário, podem pedir esmolas como outros pobres. E podem ter as ferramentas necessárias ao seu ofício. Todos os irmãos se esforcem seriamente em praticar boas obras, pois está escrito: sempre empenhado em praticar alguma boa obra, para que o diabo te encontre ocupado"; e ainda: "A ociosidade é inimiga da alma"<sup>25</sup>.*

O trabalho feito pelos frades era em função da fraternidade e da minoridade. O trabalho manual era o serviço normal que os frades ofereciam aos homens, era exatamente o trabalho dos servos. Trabalhando nas casas dos ricos eles não podiam receber ofícios de responsabilidade ou de superioridade. Francisco previa também o trabalho de artesanato profissional: os frades que conheciam um trabalho deviam continuar exercendo-o *se não fosse contrario à sua alma*.

Diferente da comunidade monástica, a fraternidade dos menores não colocava à disposição os meios próprios de produção, nem organizava atividades internas ou externas. Cada frade, por sua iniciativa, devia encontrar um trabalho na região onde se encontrava. Como recompensa do seu serviço os frades podiam receber todas as coisas exceto o dinheiro. Normalmente o trabalho não oferecia os meios suficientes para cobrir as necessidades, em tal caso podia recorrer à esmola.

Como podemos ver, no conceito de Francisco, a esmola é somente o segundo meio de sustento (depois do trabalho). Durante os séculos essa visão mudou. A esmola foi vista como meio de trabalho e o primeiro meio de sustento dos frades. Assim, a Ordem, em vez de ser chamada a "Ordem dos Trabalhadores", foi chamada a "Ordem dos Mendigos"!

Francisco considerava a esmola um trabalho decoroso, embora que essa fosse secundário, mas digno. Que cada um trabalhando, justamente sentisse a falta dos meios para poder viver<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> RNB 7.

<sup>26</sup> Ref. 2C 74; No início pedir esmola era muito humilhante para os frades, mas, depois quando os frades foram conhecidos universalmente, conhecidos e honrados, o pedir esmola não representou mais um motivo de humilhação, aliás, terminou sendo um recurso fácil, para se procurarem os meios de subsistência. Francisco tinha previsto que isto poderia tornar-se um possível desvio também. Ele nunca tinha a intenção de fundar uma ordem dos "mendicantes". Insistia sobre o fato de que a esmola deveria

*E a esmola é uma herança e um direito adquirido em favor dos pobres, que nos conquistou Nosso Senhor Jesus Cristo... Pois tudo o que os homens deixam para trás no mundo, perecerá, mas pela caridade e pela esmola que tiverem feito receberão do Senhor a justa recompensa (cf. Mt 6, 19s; Lc 16, 1-9<sup>27</sup>).*

Também Santa Clara via o trabalho como consequência da pobreza evangélica, e além de ser um elemento de igualdade na fraternidade das Irmãs Pobres, onde não tinham “conversas” destinadas a fazerem os serviços humildes, todas deveriam participar, segundo o dom recebido para o bem comum.

#### **1.4 Não aceitações do dinheiro**

Outro aspecto da pobreza exterior é a não aceitação do dinheiro. O motivo de tal proposta, que manifestava Francisco, estava em primeiro lugar, no Evangelho. “*Não leveis nos cintos moedas de ouro, de prata ou de cobre*”<sup>28</sup>. E, além disso, Francisco previa o perigo que estava escondido atrás:

*O Senhor ordena no Evangelho: "Cuidai e guardai-vos de toda malícia e avariza" (Lc 12,15), e: "Afastai-vos das solitudes deste século e dos cuidados desta vida" (Lc 21,34). Por isso nenhum Irmão, onde quer que esteja e para onde quer que vá, nem sequer ajunte do chão, nem aceite ou faça aceitar dinheiro ou moedas, nem para comprar roupa ou livros; numa palavra: em circunstância alguma, a não ser em caso de manifesta necessidade para os enfermos<sup>29</sup>.*

#### **1.5 Peregrinos e forasteiros**

A pobreza quer dizer também o não apropriar-se de algum lugar. Ser pobre significa não ter a própria casa, ser peregrino e forasteiro:

*Evitem os irmãos aceitar, sob qualquer pretexto igrejas, modestas habitações e tudo o que for construído para eles se não estiver conforme com a santa pobreza que prometemos pela Regra, demorando nelas sempre.<sup>30</sup>*

Renúncia às recomendações:

A pobreza exterior quer dizer também não pedir nem ter cartas e recomendações da Cúria Romana:

*Mando severamente sob obediência a todos os Irmãos onde quer que estejam, que não se atrevam a pedir a Cúria Romana algum rescrito, nem por si nem por pessoa intermediária, em favor duma igreja ou de outro lugar qualquer, nem sob o pretexto de pregação nem por causa de perseguição*

---

ser um meio secundário. Pedir esmola sem necessidade seria defraudar os outros pobres de um direito deles (Ref. RNB 8,8).

<sup>27</sup> RNB 9.

<sup>28</sup> Mt 10,9.

<sup>29</sup> RNB 8, 1-2;

<sup>30</sup> T 28; RB 6,2.

*corporal. Ao contrário sempre que não forem aceitos em alguma parte, fujam para outra terra para ali fazer penitência com a bênção de Deus*<sup>31</sup>.

O objetivo último dessa prescrição é simplesmente realizar a verdadeira pobreza que se traduz na grande **insegurança**. O Frade Menor, não possuindo patrimônio, nem casa, nem dinheiro, nem as recomendações, vive num clima de insegurança e de abandono à providência divina. Este clima de insegurança vem reforçado pelo *abandonar a própria família*. Ou seja, O Frade Menor, é chamado a ser capaz de superar os laços familiares e sanguíneos e confiar totalmente à nova fraternidade. Não se trata de desprezar a família, mas de renunciar à segurança que ela pode oferecer. Todos os que vinham seguir essa vida deveriam fazer tal renúncia. E se alguém não o conseguisse, Francisco o considerava não adaptado e mandava retornar à casa<sup>32</sup>.

## **2. Expressões da pobreza interior**

Feito este primeiro passo que consiste na pobreza material, exterior, o Frade Menor deveria ir até ao fundo exercitando a pobreza interior. Há diferentes modalidades com as quais nós podemos verificar tais expressões.

### **2.1 A modalidade do estudo**

Uma forma de viver a pobreza interior é renunciar a certo tipo de ciência que faz sentir-se o frade rico e orgulhoso do que aprendeu e do seu saber.

*Diz o Apóstolo: "A letra mata, mas o espírito vivifica" (2Cor 3,6). São mortos pela letra os que tão somente querem saber as palavras, a fim de parecerem mais sábios que os outros e poderem adquirir grandes riquezas e as darem aos parentes e amigos. São ainda mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito das Sagradas Escrituras, mas só se esforçam por saber as palavras e interpretá-las aos outros. São, porém, vivificados pelo espírito das Sagradas Escrituras aqueles que tratam de penetrar mais a fundo em cada letra que conhecem, nem atribuem o seu saber ao próprio eu, mas pela palavra e pelo exemplo o restituem a Deus, seu supremo Senhor, ao qual todo bem pertence*<sup>33</sup>.

Francisco atribuiu a si mesmo e aos seus primeiros irmãos a expressão “idiotas”, homens ignorantes e incultos<sup>34</sup>. Seria errado pensar que eles eram de verdade idiotas e incultos. Basta lembrarmos que Bernardo e Pedro eram juízes, Francisco mesmo era um homem de cultura. A expressão “eram idiotas” não significa que aos frades faltou a cultura, mas, não queriam ser considerados como homens de literatura, renunciando assim aos *status sociais*, de cujos privilégios poderiam gozar sendo homens cultos.

---

<sup>31</sup> T 25-26.

<sup>32</sup> 2C 81; TE 26.

<sup>33</sup> Ad 7.

<sup>34</sup> CO 5;T 23.

## 2.2 Aceitação das injúrias e das ofensas

A pobreza interior manifesta-se, também, nas injúrias. Quem é verdadeiramente pobre em espírito consegue aceitar as ofensas sem ser escandalizado, e, também está em grau de renunciar ao juízo dos outros e irritar-se pelos pecados deles.

*"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5,3). Muitos há que são zelosos na oração e no culto divino, e praticam muito a abstinência e mortificação corporal. Mas por causa de uma única palavra que lhes pareça ferir o próprio eu ou de alguma coisa que se lhes tire, logo se mostram escandalizados e perturbados. Estes não são pobres de espírito, pois quem é, deveras, pobre de espírito odeia a si mesmo (cf. Lc 14,26; Jo 12,25) e ama aos que lhe batem na face (Mt 5,39)<sup>35</sup>.*

*Ao servo de Deus nada deve desagradar senão o pecado. Mas se uma pessoa pecasse de qualquer forma que fosse, e o servo de Deus ficasse por isso perturbado e enraivecido - a não ser por caridade - "entesouraria riquezas" (Rm 2,5) de culpa para si. Vive realmente sem nada de próprio aquele servo de Deus que não se enraivece nem perturba por causa de ninguém. E bem-aventurado aquele que nada retém para si, mas "dá a César o que de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22,21)<sup>36</sup>.*

## 2.3 Não apropriar-se dos encargos:

Ser pobre em espírito significa, também o não apropriar-se do encargo de superior, pregador ou qualquer outro ofício. Não se deveria apegar-se a nenhum ofício até chegar a identificar-se com tal posição.

*"Não vim para ser servido mas para servir" (Mt 20,28), diz o Senhor.<sup>2</sup> Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos.<sup>3</sup> E se a privação do encargo de lavar os pés, amontoam para si tanto mais riquezas com perigo para sua alma<sup>37</sup>.*

Ser pobre no sentido de uma vida sem nada de próprio significa que o homem não põe em si mesmo o centro de tudo, por isso evita provocar reivindicações de propriedade a respeito dos outros. Somente assim ele consegue viver em paz e em harmonia com todas as criaturas e consegue promover a paz e o respeito para com todos.

---

<sup>35</sup> Ad 14.

<sup>36</sup> Ad 11.

<sup>37</sup> Ad 4; ref. RNB 17,4.

## 2.4 “Kenosis” Franciscana – renúncia de si mesmo

O sentido mais profundo da pobreza de Cristo, Francisco via na Sua “Kenosis”, no Seu aniquilamento e no Seu esvaziamento. Fazendo referência à pobreza interior, Francisco via a sua expressão mais profunda na renúncia de si mesmo. Não basta renunciar aos bens materiais, nem as riquezas espirituais, precisa renunciar a si mesmo. Assim dizia Francisco:

*Aos que vinham para a Ordem, ensinava o santo que deviam entregar ao mundo a carta de repúdio, pondo primeiro suas coisas para fora para depois poderem oferecer a si mesmos, por dentro, ao Senhor. Só admitia na Ordem os que já se tivessem despojado de toda propriedade, sem ter guardado nada para si, tanto para observar o Evangelho como para evitar que os bens retidos fossem motivo de escândalo<sup>38</sup>.*

Como sempre, também desta vez, Francisco experimentou por primeiro em si mesmo este tipo de renúncia e depois a propôs aos frades. Ele começou tal experiência vencendo a natural repugnância que teve para com o leproso, aproximando-se dele e dando-lhe o beijo<sup>39</sup>. Experimentou a força libertadora desse gesto. Por isso, esse tipo de pobreza, ele quis propor a todos quantos queriam seguir a vida Minorítica. Ele exigia que todos fizessem a mesma experiência com os leprosos:

*Por isso, desde o começo da Religião, depois que os frades começaram a se multiplicar, quis que os frades permanecessem nos hospitais dos leprosos para servi-los; por isso, naquele tempo em que vinham para a Religião pobres e plebeus, entre outras coisas que lhes eram propostas dizia-se que tinham que servir aos leprosos e ficar em suas casas<sup>40</sup>.*

Isto era um verdadeiro exercício de pobreza interior, da renúncia do próprio “ego” do amor próprio.

## 2.5 Renúncia à própria vontade

Outra exigência da verdadeira pobreza interior é aquela de renunciar à própria vontade submetendo-a a obediência. (Esta frase é talvez a mais difícil, mas a mais importante):

*Abandona tudo quanto possui e perde sua vida aquele que a si mesmo abandona inteiramente à obediência nas mãos do seu superior<sup>41</sup>.*

## 2.6 Mudança na mentalidade:

---

<sup>38</sup> 2C 80.

<sup>39</sup> T 2-3.

<sup>40</sup> CAs 9.

<sup>41</sup> Ad 3.

A expressão ainda mais profunda da pobreza interior é renunciar a própria maneira de pensar, julgar e agir precedentemente. Esse tipo de mentalidade, podemos chamar de “deixar o mundo”, “sair do mundo”. Isso, não no sentido de “*fuga mundi*”, mas no sentido tradicional ascético. Os Frades Menores, de fato, não se afastaram do mundo, não fugiram para o deserto para evitar os contatos do mundo, mas realmente deixaram o mundo jogando fora tudo o que não era evangélico. “*Exire de saeculo*” quer dizer mudar a nossa maneira de pensar, a nossa mentalidade. Quem entra na fraternidade franciscana deve continuar se comunicando com as pessoas, trabalhando com eles, vivendo no contexto social comum, mas precisa ser diferente, com o seu modo de pensar, de julgar e de agir, segundo o Evangelho e não mais segundo a mentalidade do mundo, as modas e correntes do tempo.

## 2.7 O conceito da expropriação e da restituição

Entendemos que o sentido mais profundo da pobreza para Francisco é de não apropriar-se de nada: nem bens materiais, a casa, o lugar, o dinheiro, nem outros bens como a ciência, julgamento sobre outro, a própria vontade, ofício etc. Esta idéia de não apropriar-se de nenhum bem tem suas raízes na experiência fundamental de Deus-bem, fonte de todo bem:

*Atribuamos ao Senhor Deus altíssimo todos os bens; reconheçamos que todos os bens lhe pertencem; demos-lhe graças por tudo, pois d’Ele procedem todos os bens*<sup>42</sup>. *Outra coisa não desejemos, nem queiramos, nem nos agrade, nem nos alegre senão o nosso Criador e Redentor e Salvador, o único e verdadeiro Deus, que é o bem pleno, o bem todo, o bem inteiro, o sumo e verdadeiro bem*<sup>43</sup>.

Francisco elaborou uma teologia simples do *direito de propriedade* em termos feudais. Deus é o Rei, Senhor universal de tudo, que concede ao “feudo temporal” os bens ao homem. O homem, simples feudatário diante de Deus, deveria colocar nas mãos do seu senhor, ou voluntariamente durante toda a vida, ou forçadamente à morte, tudo quanto possuía.

*Bem-aventurado o servo que entrega todos os seus bens ao Senhor seu Deus; porquanto, quem para si retém alguma coisa “esconde o dinheiro do seu amo” (Mt 25,18), e “o que julgava possuir, ser-lhe-á tirado” (Lc 8,18)*<sup>44</sup>.

A pobreza então é a restituição voluntária dos bens ao verdadeiro patrão. O homem é simplesmente um mendigo diante de Deus e, *depois do pecado, tudo que temos nos é dado como esmola, e o “Grande Esmoler” dá com clemente piedade aos dignos e aos indígnos*<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> RNB 17,17.

<sup>43</sup> RNB 23,27-28.

<sup>44</sup> Ad 19.

<sup>45</sup> 2 C 77.

Portanto, a pobreza franciscana nasce não do desprezo das coisas, nem da uma simples negação dos bens, mas da devolução, “*devolver tudo ao senhor de quem recebera*”. Assim falava com Bernardo a respeito dos seus bens quando lhe pediu o conselho<sup>46</sup>.

## 2.8 O caráter escatológico da pobreza franciscana

A vida de pobreza livremente abraçada aparece como penhor da riqueza eterna.

*Esta é aquela sumidade da mais elevada pobreza que a vós, meus caríssimos Irmãos, instituiu herdeiros e príncipes do reino dos céus e, fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes (cf. Tg 2,5). Seja esta a vossa parte, que conduz à terra dos vivos (cf. Sl 141,6).*<sup>47</sup>

Homem que não é apegado a este mundo, que é peregrino e forasteiro, torna-se capaz de viver a saudade continua da pátria celeste. A sua vida torna-se um testemunho de vida futura. É uma escolha de sorte: *Não queria ter propriedade nenhuma, para poder possuir tudo no Senhor em maior plenitude.*<sup>48</sup> Sendo assim, tendo sempre neste mundo a *mesa preparada* e a herança celeste, Francisco sentia tanta segurança e uma liberdade de espírito muito profunda.

### 3. HUMILDADE E MINORIDADE: outros aspectos da pobreza franciscana.

A mesma pobreza pode transformar-se em apropriação, como quando acontecia nos movimentos reformadores do tempo de Francisco, tendo ele um motivo de ostentação, um gesto hipócrita ou uma luta classista contra as estruturas econômicas. Houve um período em que a fraternidade queria assumir o nome *Pauperes Minores*, que unia numa só fórmula duas atitudes evangélicas. Francisco, porém, quis escolher o nome *Fratres Minores* para evitar o perigo de uma pobreza orgulhosa e fanática, sem caridade, e também porque esta nova fórmula vinha estabelecer a profissão de pobreza com base em dois elementos insubstituíveis: *a fraternidade e a minoridade*.

Embora Francisco se tenha inspirado na palavra *menor* no sentido social do seu tempo, todavia, a verdadeira motivação foi puramente evangélica. A pobreza-minoridade é, antes, Deus, o Senhor altíssimo. Francisco reconhecia ser limitado, fraco e pequeno. A sua espiritualidade é uma espiritualidade humilde, mas otimista, pois sabe colocar, diante das realidades dos próprios limites, a riqueza e a bondade de Deus.

Ser menor significa assumir com seriedade o compromisso evangélico, pertencer ao grupo dos pobres, encontrar-se entre os pobres, fracos, leprosos e mendigos de rua. Ser menor significa colocar-se à disposição dos outros, submetendo-se a eles e servindo-os. A pobreza, se não é acompanhada pela humildade, pode ser levada ao orgulho:

---

<sup>46</sup> 2C 15.

<sup>47</sup> RB 6, 4-5.

<sup>48</sup> 1C 44.

*Ó senhora santa pobreza, o Senhor te salve, com tua irmã, a santa humildade! Ó senhora santa caridade, o Senhor te salve, com tua irmã, a santa obediência!*<sup>49</sup>

A humildade não é um gesto artificial de humilhação ou de própria abnegação. Significa colocar-se simplesmente na verdade, vendo o mal que tem em nós. O humilde deseja que os outros vejam e valorizem o que ele é, porque Francisco dizia: *Porque o homem vale o que é diante de Deus e nada mais*<sup>50</sup>.

#### IV. CONCLUSÕES

Francisco nos dá uma visão sobre a pobreza muito ampla e muito profunda. Antes de tudo, requer um real desapego das coisas. Somos acostumados a sentir a pobreza franciscana como se dissesse que se pode ter tudo. Basta, porém, não apegar-se a nada para viver como pobre franciscano. Mas, isto não parece a visão de Francisco. Ele exige um real desapego das coisas e o uso das coisas necessárias. O problema da renúncia, de um desapego real dos bens está sendo de grande importância formativa para todos nós franciscanos hoje.

*Ir. Danila Cristina Silva Freitas*

---

<sup>49</sup> SV 2,11.

<sup>50</sup> Ad 20.